

EDITORIAL

O último número da Comunicação & Educação, neste ano de 2023, encontra duplo quadro no cenário nacional e internacional: de um lado, o lenitivo proporcionado pela derrota do governo que elencou entre seus inimigos preferenciais a ciência, a educação, as artes, os direitos humanos e as políticas de inclusão – para não alongarmos o caráter de uma lista que constitui o princípio da corrosão democrática. De outro, a barbárie que circunda as duas guerras atuais, com o cortejo de milhares de mortos. O Leste Europeu e, agora, a tragédia no Oriente Médio, mostrada ao vivo e em cores, num espetáculo dantesco ao qual não faltam corpos esventrados, bombardeio de hospitais, comboio de ambulâncias, fome, sede e destruição.

Uma boa pergunta a se fazer, nesse contexto estarrecedor, é sobre o papel da comunicação. Se ela continua existindo como fator de esclarecimento, desmistificação, exercício do comum voltado à construção do diálogo – com todos os senões circundantes do termo. Ou, se o que vige é um jogo informacional diversionista, cujas marcas de origem não se esclarecem, obscurecido pelo espectro no qual se aninham desde as notícias maliciosas, falsas, até a pura desinformação.

Buscando entender melhor tais dinâmicas comunicacionais e suas interfaces educativas, a Comunicação & Educação organizou em suas seções um conjunto de oito artigos nacionais, um internacional, além de uma entrevista, experiências de trabalho em sala de aula, resenhas, poesia e atividades que podem ser desenvolvidas na escola, a partir do material ora dado à leitura.

Entre os textos nacionais, há recorrências temáticas em pelo menos três deles, preocupados seja com o problema das técnicas e tecnologias comunicacionais, seja com os usos sociais que delas fazemos nas escolas, seja com relação à leitura e compreensão mais acurada dos variados tipos, gêneros e modos discursivos postos em circulação pelas mídias. Neste conjunto, incluem-se: “Mediações tecnológicas em desconstrução”; “O uso social das mídias pelo campo da educação: uma análise do processo de reformulação da plataforma YouTube Edu (2022-2023)”; “Alfabetização midiática e informacional no combate à desinformação e à violência nas escolas: uma proposta de agenda”. Podemos arrolar, ainda, duas outras contribuições direcionadas às possíveis apropriações do material jornalístico para o trabalho envolvendo a educação midiática nas escolas: “Do museu à reportagem à sala de aula: a transposição didática de reportagens baseadas em fontes museológicas”; e “Agenda 2030: a potencialidade do jornalismo. Como o jornalismo se faz presente na educação de qualidade, contribuindo para o 4º objetivo de desenvolvimento sustentável”.

Adicionem-se, nesta seção, três trabalhos voltados, respectivamente, à linguagem icônica – “Espaços de coexistência, identidade de pessoas pretas e representações visuais” –, aos lugares ocupados pelos sujeitos nos processos de investigação – “Estudar o que se vive, estudar o que não se vive: a subjetividade de sujeitos-pesquisadores nos estudos sobre estigma” –, e o

acionamento da teleficação para perscrutar a questão da sexualidade – “Isso te incomoda?”: relações possíveis entre educação sexual e ficção televisiva seriada com base na série Feras”.

Como se verifica, constitui-se, nesse agregado de artigos, uma série de subtemas que interessam pela atualidade de suas proposições, a exemplo de: violência nas escolas, informação e desinformação, jornalismo como instância passível de visagem didático-pedagógica e alfabetização para as mídias.

A seção internacional é assinada pelos professores T. Philip Nichols, norte-americano da Universidade Baylor, e Robert Jean LeBlanc, canadense da Universidade de Lethbridge, que nos propõem uma inovadora discussão envolvendo a alfabetização midiática. Conquanto, não excluindo tal abordagem, os dois autores sugerem adotarmos uma perspectiva mais ampla, envolvendo as interações performativas voltadas à educação para a comunicação: a ecologia midiática cívica.

A seção de experiência é composta por dois artigos referentes a trabalhos realizados em salas de aula e voltados aos temas diversidade e educomunicação socioambiental, respectivamente desenvolvidos em: “Afeto, diálogo e crítica em leituras sobre as diversidades: relatos de um exercício”; e “A educomunicação socioambiental na Rede Municipal de Ensino de São Paulo”.

As professoras doutoras Sônia Virgínia Moreira (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) e Jacqueline da Silva Deolindo (Universidade Federal Fluminense) realizaram entrevista, para a Comunicação & Educação, com Penny Abernathy, uma pesquisadora fundamental para os estudos que inter-relacionam democracia, informação e mídia. A entrevistada, com longa carreira na área da reportagem e editorial de publicações, como The New York Times, Wall Street Journal, Harvard Business Review, ficou conhecida por desenvolver o profícuo conceito de desertos de notícia, entre outras colaborações para o nosso campo de atividade.

Completam este número da Comunicação & Educação as tradicionais seções de resenhas, poesias e atividades.

Boa leitura!

Nota: Finalizávamos esta edição quando recebemos a notícia do falecimento de Danilo dos Santos Miranda. Unimo-nos a tantas e justas homenagens que vêm sendo feitas pelo que ele realizou junto ao Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc/SP), cujo alcance nacional e internacional, nos planos da cultura, educação e artes, é de amplo reconhecimento. Certamente o trabalho deste “ministro sem pasta” não apenas marcou, como continuará marcando a vida brasileira. Em 2009, a Comunicação & Educação teve o privilégio de realizar uma entrevista com Danilo dos Santos Miranda, conduzida pela jornalista Consuelo Ivo e publicada no número 2, ano XIV, março/agosto.

Para ler a entrevista, acesse: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/43481/47103>

Os editores.